



**REFLEXÕES ACERCA DA ARTE  
RUPESTRE NO PARQUE NACIONAL  
SERRA DA CAPIIVARA, PIAUÍ-  
BRASIL: REMINESCÊNCIAS DE UMA  
HISTÓRIA DA TRADIÇÃO NORDESTE  
DE PINTURAS RUPESTRES**

---

\* Universidade Federal de Segipe. Contato: gfrechiani@hotmail.com

\*\* Universidade Federal do Amazonas. Contato:  
micheljustamand@yahoo.com.br

**Resumo**

O presente trabalho tem por finalidade abordar a arte rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara, localizado na região sudoeste do estado do Piauí, no Brasil. O PNSC é conhecido internacionalmente pela presença dos vestígios arqueológicos mais recuados do continente americano, seus vestígios paleontológicos, sua diversidade faunística e florísticas no contexto do bioma da Caatinga, sendo considerado patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO. Os grupos humanos que ali habitaram por milhares de anos desenvolveram a tecnologia de lascamento e polimento de rochas, fabricação de cerâmica e prática de pintar e gravar nos paredões rochosos da região, surgindo a arte rupestre na região. As pinturas e gravuras constituem uma espécie de memória coletiva desses grupos humanos que ali habitaram e deixando vestígios de sua presença.

**Palavras-chave:** Arte rupestre; Parque Nacional Serra da Capivara; Tradição Nordeste.

**Resumen**

Este estudio tiene como objetivo abordar el arte rupestre en el Parque Nacional Serra da Capivara, ubicada en la región suroeste del Estado de Piauí, Brasil. El PNSC es conocida internacionalmente por la presencia de los sitios arqueológicos más remotos en el continente americano, sus restos paleontológicos, su diversidad faunística y florística en el bioma en el contexto de Caatinga, considerado patrimonio cultural por la UNESCO. Los grupos humanos que vivieron allí durante miles de años desarrollaron chipping tecnología y pulir piedras, cerámica y la práctica de pintar y escribir en las paredes rocosas de la región, lo que resulta en el arte rupestre en la región. Las pinturas y grabados constituyen una especie de memoria colectiva de estos grupos humanos que vivían allí y dejando rastros de su presencia.

**Palabras clave:** arte rupestre; Parque Nacional Serra da Capivara; Tradición Nordeste.

## 1. Introdução

Sostenemos que el *principal factor* del desarrollo de las ciencias, en general, son las *contradicciones entre posiciones teóricas* manifiestas en la argumentación de diferencias, debates y polémicas. Toda contradicción se origina en una diferencia que se constituye en una oposición activa.

Por ello, en desacuerdo con Kuhn (1971), nos parece del todo indeseable que la arqueología -o cualquier otra disciplina científica- llegue a convertirse en una "ciencia madura". Lo que, para él, significa que un 'paradigma' llega a predominar de manera absoluta y excluyente, definiendo sus objetivos como los únicos válidos, estableciendo cuáles son los temas y las preguntas relevantes a resolver y cuáles son los procedimientos aceptados para hacerlo.

O Parque Nacional Serra da Capivara está localizado na região sudoeste do estado do Piauí, delimitado entre os municípios de Coronel José Dias, João Costa, Brejo do Piauí e São Raimundo Nonato, compreendendo uma área de aproximadamente 130.000 hectares, com 214 km de perímetro (Fig. 1). Foi criado no intuito de salvaguardar os vestígios arqueológicos encontrados durante as pesquisas da professora Niède Guidon e sendo instituído essa unidade de conservação durante o governo do presidente João Batista Figueiredo, em 1979 (Guidon 1991; Guidon, 2006; Guidon y Bucu, 2010).

O PNSC<sup>2</sup> é considerado o maior enclave<sup>3</sup> de sítios arqueológicos no mundo, com 1158 sítios arqueológicos catalogados atualmente, sendo que 800 deles apresentam arte pré-histórica<sup>4</sup>, abrangendo uma ocupação que remontaria a quase 100 mil anos

---

<sup>2</sup> PNSC: sigla para Parque Nacional Serra da Capivara.

<sup>3</sup> ENCLAVE ARQUEOLÓGICO: remete a um local de grande concentração de sítios arqueológicos (Martin 2008).

<sup>4</sup> ARTE PRÉ-HISTÓRICA: "[...] as artes da pré-história (grafismos e objetos aos quais atribuímos um valor estético, elaborados por humanos que não deixaram textos escritos e sobre os quais não dispomos de documentação escrita) são estudadas a partir da arqueologia, ou seja, a partir da interpretação dos vestígios materiais." (Prous 2007 a: 11).

atrás (GUIDON y BUCO 2010). Debido à sua especificidade e importância para a História da humanidade foi elevado ao nível de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1991; assim, é um local de investigações desde a década de 1970, pela missão franco-brasileira.

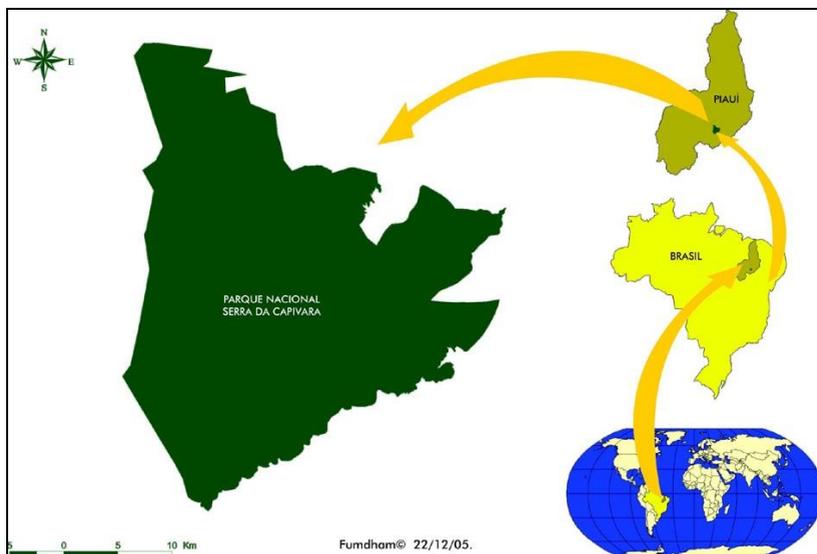


Figura 1. Localização geográfica do Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: site da FUMDHAM <<[www.fumdham.org.br](http://www.fumdham.org.br)>>. Acesso: out, 2013.

As principais justificativas para a criação do PNSC estão aliçadas nos seguintes aspectos: a) ambientais, por estar inserido dentro de um ambiente semiárido, com uma flora e fauna típicas do domínio morfoclimático da Caatinga<sup>5</sup>; b) culturais, por apresentar vestígios de grupos humanos em tempos recuados e

---

<sup>5</sup> Caatinga: domínio morfoclimático que abrange os estados do Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, oeste de Alagoas e Sergipe, região Norte e central da Bahia e uma parte do norte de Minas Gerais, totalizando 734.478 km<sup>2</sup>, ou 10% do território nacional. O termo Caatinga significa “floresta branca”, vem do tupi e faz alusão às folhas que caem, restando os troncos brilhosos e brancos das árvores. (Silva 2004).

atuais, sendo uma importante área arqueológica<sup>6</sup> para conhecermos a história dos primeiros habitantes do continente americano; c) turísticos, por ser detentor de um grande potencial turístico, podendo assim contribuir para o desenvolvimento sustentável da região (Guidon 1991).

Outros pontos importantes sobre essa unidade de conservação são: a) o grande potencial de desenvolvimento da região; b) o fato de ser uma região de fronteira ecológica, geológica e cultural; c) o potencial como área de pesquisas científicas; d) a importância paleontológica, tendo sido encontradas mais de 30 espécies de animais da megafauna; e) a importância geológica e geomorfológica, em especial pelo desenvolvimento de estudos sobre a evolução tectônica da Plataforma Sulamericana e da bacia do Parnaíba; e) o fator de ser local favorável aos estudos de espeleologia, devido à existência de muitas cavernas com fósseis; f) área favorável ao conhecimento das formações da Bacia do Parnaíba e do embasamento cristalino; g) a importância geomorfológica do relevo, pela presença de *cuestas*, *canyons*<sup>7</sup>, *diamictitos* e *dropstones*; h) a grande biodiversidade, tanto de plantas quanto de animais (Barros et al. 2011).

Há muitos anos, moradores, caçadores e maníçobeiros, referem-se às inscrições gravadas em rochas (as pinturas rupestres) na região sudoeste do Piauí. Durante os anos 60 do século passado, essas informações transbordaram a região piauiense em direção ao sudoeste brasileiro, especificamente o estado de São Paulo. Em 1963, alguns prefeitos da região de São Raimundo Nonato vieram ao Museu Paulista, da Universidade de São Paulo – USP, e pediram para falar com o responsável, que era a profa.

---

<sup>6</sup> Área Arqueológica: “[...] Como categoria de entrada para o início e continuidade sistemática de uma pesquisa, deve ser fixada dentro de uma unidade ecológica que participe das mesmas características geo-ambientais.”(Martin 2008: 89).

<sup>7</sup> CANYONS: “nome de origem espanhola usado para designar vales de paredes abruptas, isto é, vales encaixados. O exemplo clássico é o canyon do rio Colorado, cujo desnível entre o fundo da calha e a superfície chega a ser da ordem dos 1.000 a 1.800 metros. Na França, o melhor exemplo de vale encaixado é o Tarn, no Causses do maço central francês.” (Guerra y Guerra, 2003: 108).

---

Niède Guidon. Disseram eles: “Lá em nossa terra tem uns *deseínhos* de caboclo, de índios na serra.”, conforme relata a própria arqueóloga. Entregaram-lhe também fotos das pinturas rupestres da região<sup>8</sup>. Logo que as viu, ela notou que eram realmente diferentes de tudo que já havia sido publicado no país e na arqueologia brasileira<sup>9</sup>.



Figura 2 (esquerda): Pente de mocó. Autor: André Pessoa.

Figura 3 (direita): Onça vermelha. Autor: André Pessoa.

Desde então, Guidon trabalhou para poder estudar a região e constatar a riqueza daquilo que vira em fotos. Nos anos 60, viaja para lá, mas não chega até a cidade por falta de acesso. Somente em setembro de 1970 tem contato com as pinturas rupestres da região. Toma conhecimento das reais condições de hospedagem, traslado e pesquisa. Na época, apenas cinco sítios eram conhecidos. Então, promete para os caçadores da região 50 mil reis para cada novo sítio encontrado. Quando volta, em 73, os sítios já passavam de 55 e hoje são mais de 1.500. Atualmente, ela desenvolve, na região, trabalhos ligados à preservação ambiental e ecológica, além dos arqueológicos.

---

<sup>8</sup> GUIDON, Niède. Memórias pintadas na pedra ou um olhar para o passado, presente e futuro. *Revista Entrevista do Curso de Comunicação - UFC*, nº 13. Fortaleza: EDUFC, 2000, p. 93.

<sup>9</sup> IDEM, *ibidem*.

Pinturas rupestres de grande variedade de estilos, técnicas, tamanhos, cores, clareza de informações e riqueza de detalhes foram encontradas por Guidon e possibilitaram o seu doutorado (1974), sob o título de *Pinturas rupestres da Várzea Grande, PI, Brasil*, e também o trabalho de outros pesquisadores (Silvia Maranca, Suzana Monzon, Anne-Marie Pessis, Gabriela Martin, Fabio Parenti, L. Emperaire). O grupo inicial compõe uma missão científica, e o seu primeiro relatório, ainda em 1973, é escrito por Niède Guidon.

Essa missão, instalada na região no final dos anos 70, é “premiada” com a transformação da região em parque nacional, uma das categorias de unidades de conservação ou áreas protegidas existentes no Brasil. A criação dos parques nacionais tem por objetivo a proteção dos recursos naturais e culturais. No caso do parque piauiense, visa a preservar a fauna (sapos cururu, morcegos, jibóias, cobras cipó, preás, onças pintadas, capivaras, cotias, papagaios e cervídeos), a flora (maniçoba, marmeleiros, juremas, jatobás, carobas e paus d’arco) e os sítios arqueológicos, além de proporcionar a visitação de turistas e pesquisadores.

Ao longo de mais de 40 anos de pesquisas arqueológicas, lideradas pelas arqueólogas Niède Guidon, Silvia Maranca e Anne Marie-Pessis, foi demonstrada a riqueza desses registros arqueológicos no PNSC. É impressionante a diversidade dos registros pré-históricos e históricos encontrados no local, o que demonstra a sua importância para os grupos humanos que viveram na região.

## **2. A arte rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara**

Os primeiros relatos acerca da arte rupestre brasileira foram feitos por viajantes, religiosos ou naturalistas que passaram pelo Brasil no período Colonial (1500-1822) e Imperial (1822-1889). Nos dois primeiros séculos do processo de colonização do continente americano predominou a ideia de que as inscrições encontradas em rochedos em forma de cruz e pegadas seriam oriundas de São Tomé. Esse relato foi apropriado pelos religiosos que

viam nele um elo entre a religião cristã e os habitantes do Novo Mundo, dando início ao processo de catequização (Correia 1992).

A Nova Gazeta da Terra do Brasil, de 1511 é o primeiro documento histórico que faz menção à presença de gravuras rupestres no Brasil. Nela se afirma que foram encontradas pegadas de São Tomé<sup>10</sup> nas rochas, revelando a existência de uma veneração ao santo (Schuller 1915).

Outro relato é o diálogo entre Brandônio e Alviano, que descreve a descoberta de gravuras feita pelo capitão-mor Feliciano Coelho de Carvalho no leito do rio Arasoagipe, em 1598, na Paraíba, contidas no livro *Diálogos das Grandezas* (1977), publicado em 1618. O holandês Elias Herckman, em uma missão de investigação na capitania da Paraíba, também menciona a presença de inscrições rupestres em 1641 (Martin 2008).

No final do século XVIII e início do século XIX, o padre Francisco Teles de Menezes fez um estudo dos relatos acerca de gravuras e pinturas rupestres na região Nordeste do Brasil. Esses relatos coletados pelo padre foram considerados fantasiosos por Tristão de Araripe no seu livro *Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil*, de 1896 (Pinto 1935).

Manuel Aires de Casal (1943: 265) relata ter sido encontrado na Serra das Letras em 1817, em Minas Gerais, a presença de hieróglifos – “[...] não passam de toscos e ilegíveis, que a ignorância do povo atribui à mão do apóstolo Tomé, devem seu princípio a partículas ferruginosas, segundo parece [...]” –, em 1817.

Peter Lund cita a existência de desenhos rupestres, denominando-os de “rochedos indígenas” na primeira metade do século XIX (Pereira Junior 1967). Ainda no século XIX, o padre João Daniel, o Capitão-mor Antônio Pires de Campo Bueno e o naturalista Domingos Soares Ferreira Penna citam a existência de inscrições rupestres na região Norte do Brasil no século XIX. Charles Frederik Hartt escreveu um artigo sobre as inscrições rupestres da província do Amazonas, em 1871 (Pereira 2008). Alfred Wa-

---

<sup>10</sup> Schüller (1915: 118) afirma que “Nessa mesma costa ou terra, há ainda memória de São Thomé”.

llace, visitando a Amazônia, é o primeiro a mencionar as inscrições rupestres na região de Monte Alegre<sup>11</sup>, em 1848 (Hetzl y Negreiros 2007).

A classificação da arte rupestre na região do Parque Nacional Serra da Capivara foi elaborada a partir da tese de doutoramento da professora Niède Guidon, delimitando três tradições de pinturas rupestres (Nordeste. Agreste e Geométrica) e duas tradições de gravuras Itacoatiara do Oeste e de Leste (Prous 1992; Prous 2007, Guidon 2006; Guido 2007, Martin 2008. Essas duas tradições de gravuras são utilizadas para designar as gravuras rupestres, realizadas nas margens de rios, riachos e lagoas em várias partes do Brasil; o termo Itacoatiara vem do tupi e significa pedra riscada (Etchvarne 2007, Bucu y Guidon 2010).

A tradição Itacoatiara de Leste estaria presente na região Nordeste, remetendo a uma cronologia de 8 a 7 mil anos atrás, enquanto a tradição Itacoatiara de Oeste estaria presente em todo o território nacional e em alguns países andinos, remontando a uma datação de 12 mil anos atrás (Guidon, 2006). Galdino (1988) estabelece seis classes distintas para a tradição em questão: a) Naturalismo antigo; b) Naturalismo recente; c) Esquemático antigo; d) Esquemático recente; e) Pictográfico; e f) Ideográfico. O principal monumento com gravuras da tradição Itacotiara é a Pedra de Ingá, no município do Ingá, no estado da Paraíba, esse monumento tombado pelo IPHAN apresenta painéis com grafismos geométricos e esquemáticos, que intriga os pesquisadores no sentido de entendê-los (Faria 1987; Martin 2008).

---

<sup>11</sup> O naturalista inglês Alfred Wallace visitou a região de Monte Alegre, Pará, em 1848, onde se encontra um dos sítios arqueológicos de pinturas com datações mais antigas do Brasil, Pedra Pintada, com uma estimativa de 11.200 mil anos (Pereira 2012). Roosevelt (1999), a partir de uma série de 56 datações de radiocarbono e 13 datações por termoluminescência, chega a uma antiguidade de 11.200 a 10 mil anos atrás, para este sítio que possui uma diversidade de grafismos rupestres: geométricos, astronômicos e zoomorfos.

Tradição	Subtradição	Estilo	Período cronológico (mil anos)
Nordeste	Várzea Grande	Serra da Capivara	12-6
		Complexo Estilístico Serra Talhada	10-6
		Serra Branca	9-6
	Salitre		7
Agreste		Serra do Tapuio	9-2
		Extrema	6-3
Geométrica			5
Itacoatiara de Leste			8
Itacoatiara de Oeste			12 <sup>12</sup>

Tabela 1. As principais tradições rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: Guidon 1991; Prous 1992; Araujo et al 1998; Pessis 2003; Guidon y Pessis, 2006; Guidon 2007; Prous 2007, Martin 2008, Buco y Guidon 2010).

A tradição Nordeste está presente nos estados do Piauí, Sergipe, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte (Guidon 1989, 1991; Pessis 1991), Mato Grosso e Goiás, se estendendo até a região dos Andes – Bolívia, Peru e Colômbia Meridional (Prous 2007 a) –, sendo formulada pelas pesquisadoras Niède Guidon, Silvia Maranca, Anne-Marie Pessis, Susana Monzon (1978), Laurence Ogel-Ross e Bernadette Arnaud (Martin 2008).

As principais temáticas dominantes são cenas de caças de animais de grande porte, danças lúdicas, cenas sexuais, cenas místicas e ritos cerimoniais (Pessis 1999). A Tradição Nordeste possui as seguintes subtradições: Várzea Grande, que é composta

<sup>12</sup> Datação referente a uma gravura rupestre no estado do Mato Grosso (Guidon 2007).

por três estilos (Serra da Capivara, Complexo Estilístico Serra Talhada e Serra Branca); e Salitre, localizada na região do Parque Nacional da Serra da Capivara, com datações que remontariam a 12 mil anos (Monzon 1984; Martin 1994); subtradição Seridó, no estado do Rio Grande do Norte, com uma cronologia inicial de 9 a 8 mil anos atrás; e subtradição Central, no sertão da Bahia e Chapada Diamantina (Martin 1984).

O estilo Serra da Capivara é caracterizado pela presença de figuras com contorno fechado, com uma boa técnica de confecção e desenho, sendo pintadas geralmente com tinta lisa, com dimensões pequenas e majoritariamente com a coloração vermelha, com rara presença de bicromia. O movimento é o elemento central desse estilo (cenas lúdicas, de dança, de caçada, de rituais e representações sexuais). Surgiu na região por volta de 12 mil anos atrás e se difundiu por volta de 10 mil anos atrás (Guidon 1991; Araújo et al, 1998; Guidon Pessis 2007).



Figura 4. Toca da Entrada do Pajau- PNSC. Fonte: Guidon 1991

Figura 5. Toca do Baixão do Perna - PARNA Serra da Capivara.

Fonte: Guidon 1991.

O Complexo Estilístico Serra Talhada era antigamente denominado de Serra Nova; é o estilo mais complexo e heterogêneo para ser definido, caracterizado por figuras humanas em linhas horizontais, policromia (marrom, cinza, branco, vermelho e ama-

relo), a adição de um traçado gráfico diferenciado como a zona reservada, a presença de cenas de violência (estupros, execuções e combates) e figuras miniaturizadas (menos de 10 cm), surgindo na região por volta de 10 a 9 mil anos atrás e considerado um estilo intermediário entre os estilos Serra da Capivara e Serra Branca. (Guidon 1991; Araujo et al, 1998; Prous 1992; Pessis 2003; Guidon y Pessis 2003; Guidon y Pessis 2007).



Figura 6. Toca do Baixão do Perna – PSNC. Fonte: Guidon, 1991.

Figura 7. Toca do Chico Coelho– PSNC. Fonte: Guidon, 1991.

O estilo Serra Branca: é caracterizado como estilo final da tradição Nordeste. Suas principais características são a ausência de movimento e geometrismo na elaboração das figuras, apresenta bicromia (vermelho e branco), antropomorfos desenhados de uma perspectiva de perfil e frontal, ausência de preenchimento em zoomorfos e preenchimento parcial em antropomorfos com linhas retas e alongadas e inserção de adornos, vestimentas e ornamentos, presença de cenas de luta e de uma cena de vários antropomorfos em volta de uma árvore; e a diminuição das cenas de sexo, surgindo por volta de 9 a 8 mil anos atrás. (Guidon 1991; Prous 1992; Pessis 2003; Guidon y Pessis 2006, Prous 2006; Pessis 2007).

A Subtradição Salitre tem a predominância de grafismos de composição como figuras de antropomorfos e zoomorfos de ação e de grafismos puros, possuindo a presença equitativas de zoo-

morfos e antropomorfos, tendo alguns sinais ou figuras geométricas (Ogel-Ros 1985).

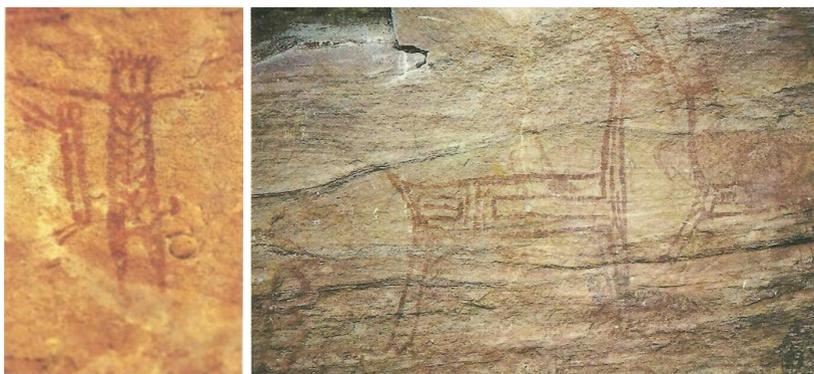


Figura 8. Toca do Baixão do Perna – PNSC. Fonte: Guidon, 1991.

Figura 9. Toca do Vento– PSNC. Fonte: Guidon, 1991.



Figura 10. Toca do Salitre – PNSC. Fonte: Guidon, 1991.

A tradição Agreste está presente nos estados do Nordeste, como Piauí, Pernambuco, Bahia e Paraíba, sendo caracterizada por uma técnica menos elaborada e de menor riqueza temática, “[...] não possuíam aprimorada técnica gráfica e ignoravam os procedimentos de preparação das tintas e a técnica de contorno” (Pessis 1999:28). Seus grafismos possuem dimensões maiores, isolados e na maioria das vezes não apresentam movimento, dando uma perspectiva estática, sem formação de cenas (Martin 2008).

As principais subtradições são: a) Carris Velhos, localizado no estado da Paraíba e Pernambuco, com datações de 2 mil anos BP. Almeida (1979) fez um levantamento na região do Cariri catalogando 49 Sítios arqueológicos, 34 com a presença de pinturas; b) Subtradição Sobradinho, na região de Sobradinho, Chapada Diamantina e Central; e c) No Parque Nacional Serra da Capivara, o estilo Serra do Tapuio e o estilo Extrema, que remontaria a 9 mil anos B.P (Martin 2008).



Figura 11. Toca da Extrema II – PNAS. Fonte: Buco (2012).

Figura 12. Toca do Paraguaio – PNAS.  
Fonte: Hetzel y Negreiros 2007.

A tradição Geométrica (Simbolista) foi elaborada por Calderon (1983), Guidon (1991) e Araújo et al (1998), é descrita para designar grafismos de caráter simbolista, abstratos ou figurativos, assim presente em vários estados do Nordeste e de difícil classificação, tendo por origem a região do Parque Nacional de Sete Cidades, localizado nos municípios de Piracuruca, Piri-piri e Brasileira – PI. Essa tradição possui a presença de grafismos com círculos concêntricos, linhas, zigue zagues e retângulos, quadrados, labirintos, flechas, pegadas de aves com a coloração amarela, vermelha, branca e negra (Schmitz 1981; Guidon 1991).

### 3. Considerações finais

Os estudos de arte rupestre no Brasil estão passando por revisões teóricas e metodológicas, no sentido de buscar um emba-

samento maior para responder os novos questionamentos, conceitos como tradição, subtradição e estilo não conseguem comportar problemáticas acerca do modo de vida dos grupos humanos pré-coloniais. A corrente pós-processual de arqueologia tem criticado fortemente as ideias histórico-culturalista e processuais, a ênfase na interpretação do registro arqueológico e crítica aos determinismos ambiental e tecnológico (Reis 2010).



Figura 13. Parque Nacional Sete Cidades. Fonte: Gabriel Oliveira.

Análise pós-processual<sup>13</sup> é uma reação à arqueologia processual, tendo se iniciado durante a década 1980, encabeçada pelos trabalhos de Ian Hodder<sup>14</sup>, no seu livro *Symbols in Action* (1982), Michael Shanks e Christopher Tilley, com *Re-Constructing Archaeology* (1988), e Mark Leone, com o artigo *Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in the Wi-*

<sup>13</sup> O termo é utilizado primeiramente por Ian Hodder em 1985 (Reis, 2010 apud Fagan, 1996:576). De acordo com Reis (2010), a melhor definição para Arqueologia Pós-Processual é “um saco de gatos” devido à ausência de consenso de sua natureza epistemológica (uma escola, uma teoria ou paradigma). Uma reação ao processualismo é a alternativa mais interessante.

<sup>14</sup> De acordo com Franch (1989: 127) “[...] Ian Hodder quien há destacado la importancia de opuestos tradicionalmente incompatibles, como materialismo y idealismo, proceso y estructura, objetivo y subjetivo, general y particular. En relación com la primera pareja de opuestos señala Hodder la existencia de tres niveles de comunicación: el lenguaje hablado, el escrito y la cultura material, cada vez más alejada de la claridade em la comprensión.”

*liam Paca Garden in Annapolis*, de 1984. Jonhson (2000: 135-141) enumera as principais teses da corrente pós-processual na crítica à arqueologia processual: “1) rechaçamos o ponto de vista positivista sobre a ciência e a separação entre teoria e dados”; “2) a interpretação é sempre hermenêutica”; “3) rechaçamos a oposição entre material e ideal”; “4) Há que indagar sempre nos pensamentos e valores do passado”; “5) o indivíduo atua”; “6) a cultura material é parecida a um texto”; “7) o importante é o contexto”; e “8) os significados que produzimos se situam sempre no presente político e conduzem, logicamente, a ressonâncias políticas. A interpretação do passado sempre é política.”

Dentro desse contexto as pesquisas no PNSC estão inseridas as pesquisas do antropólogo norte-americano Reinald Moralez que reexaminou a tradição Nordeste, postulando que ela seria composta por três estilos: Serra da Capivara e Serra Branca, usualmente aceitos por Pessis (1993), Guidon (1991), Silva (2008), Martin (2008); e ainda pelo estilo Angelim, postulado por Moraes Junior (2002), que englobaria alguns tipos de grafismos do estilo Serra Branca e subtradição Salitre. Em sua concepção o complexo estilístico Serra Talhada é uma variante do estilo Serra da Capivara.

A pesquisadora Cristiane Bucu (2012) ao estudar a região da Serra Branca na sua tese de doutoramento propôs o critério de movimento como forma de classificar as pinturas rupestres na região, denominando de arqueologia movimento. Mas se existisse uma arqueologia do movimento poderia haver uma arqueologia da estática?

Guidon e Martin (2010), no artigo “A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do Nordeste do Brasil” realizaram uma reflexão acerca da questão classificatória na arte rupestre no decorrer das pesquisas, chamando a atenção para as novas perspectivas e um novo olhar sobre o registro gráfico.

*“Preocupa-nos a banalização nas classificações, as quais iniciadas como preliminares ou provisórias, passaram a ser definitivas à força de serem repetidas.*

*Chega-se, em casos extremos, a um maniqueísmo classificatório reducionista: o que não pertence à tradição Nordeste passa a ser representativo da tradição Agreste. Não vamos fazer aqui uma retrospectiva metodológica e temporal das pesquisas que nos levaram, em diferentes épocas, a estabelecer os termos “Nordeste” e “Agreste”, como definidores de duas grandes correntes gráficas da arte rupestre no Nordeste do Brasil. As divisões e as suas definições encontram-se fartamente publicadas seja em livros, monografias, artigos e teses e basta consultar a bibliografia existente a partir da década de 1970. Nessa trajetória de três décadas surgiram as subtradições, os estilos e os complexos estilísticos que enriqueceram o corpus gráfico da região e demonstraram, também, a complexidade das definições iniciais. Isso é mais válido para a tradição Nordeste que para a Agreste. Cabe perguntarmos por que” (Guidon y Martin 2010: 15).*

Concluindo, vários trabalhos estão sendo desenvolvidos no âmbito monográfico<sup>15</sup> pelos alunos e professores do curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, no campus instalado no município de São Raimundo Nonato.

O universo simbólico materializado nas pinturas rupestres aponta uma necessidade desses grupos humanos representarem o cotidiano, através de grafismos de antropomorfos, zoomorfos e ideomorfos. As cenas contendo antropomorfos indicam a presença de representações coletivas, como rituais e caçadas em

---

<sup>15</sup> Adolfo Yugi Okuyana (2013) “Utilização da fotografia nos procedimentos de documentação visual de arte rupestre”; Adriana Mayra de Almeida Soares (2010) “Pinturas Rupestres do Município de São Braz do Piauí: Padrão de reconhecimento e temática dominante”; Caroline Siqueira Oliveira de Negreiros (2010) “Identificação da Técnica de Execução das Gravuras Rupestres do Sítio Toca dos Oitenta - Parque Nacional Serra da Capivara / PI.”; Itelmar de Negreiros Oliveira (2010) “As Representações do Falo nos Antropomorfos em Cena de Guerra da Sub-Tradição Várzea Grande.”.

grupo, permitindo inferir algum grau de organização social para aquelas sociedades. Esse conhecimento constitui uma memória coletiva<sup>16</sup> dos grupos humanos pré-coloniais, é um pergaminho que nos permite conhecer e conta um pouco da história e da identidade desses grupos, e sendo utilizado como um elemento construtor identitário dos grupos humanos do presente, constituindo um campo da memória. A memória coletiva contida nos grafismos rupestres indica a presença de grupos humanos organizados e socialmente adaptado ao ambiente, com a presença de normativas sociais e representações coletivas<sup>17</sup>.

De acordo com Pollak (1992: 204),

*“A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. [...] A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”.*

---

<sup>16</sup> MEMÓRIA COLETIVA: “[...] é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva.” (SCHMITD e; MAHFOUD, 1993, p.291).

<sup>17</sup> De acordo com Durkheim (2009, p. 486-487) “[...] uma representação coletiva está necessariamente submetida a um controle indefinidamente repetido: os homens que aderem a ela verificam por experiência própria. Ela não poderia, portanto, ser completamente inadequada a seu objeto. Poderá exprimi-lo, certamente, com a ajuda de símbolos imperfeitos, mas os próprios símbolos científicos nunca são mais que aproximados. É precisamente esse princípio que está na base do método que seguimos no estudo dos fenômenos religiosos: consideramos ser um axioma que as crenças religiosas, por mais estranhas às vezes em aparência, têm sua verdade que é preciso descobrir”.

A principal tarefa do arqueólogo é trazer à vida esse passado, reapropriar e ressignificar esse registro, possibilitando que as sociedades atuais conheçam um pouco dos seus antepassados e aprendam sobre seu modo de vida e como conviveram com o ambiente (Shanks y Tilley 1996). O passado pode contribuir com lições valiosas para as sociedades atuais, evitando estratégias equivocadas. De fato, a principal lição deixada por esses grupos que ali residiram foi a de conviverem em harmonia com o meio ambiente, não necessitando realizar grandes intervenções ou construir grandes monumentos (Diamond 2006).

Para não concluir, urge a necessidade de revisarmos nossa metodologia de pesquisa acerca da arte rupestre brasileira, velhas perguntas talvez não tragam novas respostas aos questionamentos atuais para o estado da arte das pesquisas. A busca por construir modelos classificatórios totalizantes foi uma característica da ciência moderna na primeira metade do século XX, é interessante buscarmos novos aspectos para o campo da arte rupestre e questionarmos a construção do discurso arqueológico, dentro de dois campos: o poder da arqueologia e o poder na arqueologia.

## **Bibliografia**

- Almeida, Ruth. 1979. *A arte rupestre nos cariris velhos*. EDUFPB. Recife.
- Araújo, A.G; Pessis, A.M *et al.* 1998. *Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí Brasil*. Fundação do Homem Americano. Typelaser Desenvolvimento Editorial Ltda. São Paulo.
- Barros, J. ; R.V Ferreira; N. Guidon; U. J. Silva y C. L. Pedreira. 2011. *Projeto Geoparques: Geoparque Serra da Capivara – PI*. SGM. Brasília.
- Buco, C. 2012. *Arqueologia do movimento: Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. 2012. 585 f. Tese (Doutorado em Quaternário, materiais e culturas). Escola de

- Ciências da Vida e Ambiente, Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.
- Calderón, V. 1983. Nota prévia sôbre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia. *Estudos de Arqueologia e Etnologia*. Col. Valentin Calderón: 5-23.
- Casal, M.A. 1943. *Corografia Brasílica ou relação Geográfica do Reino do Brasil. Serie Brasílica*. Edições cultura, Tomo I Histórico, São Paulo.
- Correia, Ana Clélia Barradas. 1992. *Nos passos do herói santo: na História, na arqueologia e na mística popular*. 120 f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Durkheim, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- Faria, F.C.P. *Os astrônomos pré-históricos do Ingá*. São Paulo, 1987.
- Franch, J. A. 1989. *Arqueología Antropológica*. Ediciones Akal S.A. Madrid.
- Guerra, A.T.; A. J. T. GUERRA. 2003. *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico. Bertrand Brasil*. Rio de Janeiro.
- Guidon, N. 2006. As ocupações pré-históricas do Brasil (exceutuando a Amazônia). EN: CUNHA, M.C. (org). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo.
- 2007. Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. IPHAN, Brasil, nº 33, p.74-94.
- 1991. *Peintures préhistoriques du Brésil: l'art rupestre du Piauí*. Editions Recherches sur les civilisations. Paris.
- Guidon, N.; C. A. Bucu. 2010. "O estado da arte": as pesquisas arqueológicas e o desenvolvimento regional do Parque Nacional Serra da Capivara. pp.141-172. En: Pelegrini, S.; A. P Pinheiro, (org). *Tempo, Memória e Patrimônio Cultural*. EDUFPI. Teresina.

- Guidon, N.; G. Martin. 2010. A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil. pp.11-30. *Revista Clio Arqueológica*. Universidade Federal de Pernambuco, v. 25, nº 1, Recife.
- Guidon, N.; A.M. Pessis. 2006. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. pp. 19-34. En: VIDAL, L (org.). *Grafismo Indígena*. EDUSP. São Paulo.
- Guidon, Niède. Memórias pintadas na pedra ou um olhar para o passado, presente e futuro. 2000. pp. 93 *Revista Entrevista do Curso de Comunicação – UFC*, nº 13.: EDUFC. Fortaleza.
- Hetzl, B; Negreiros *et al.* 2007. *Prehistory of Brazil*. Manati. Rio de Janeiro.
- Johnson, M. 2000. *Teoría arqueológica: una introducción*. Editorial Ariel. Barcelona.
- Mahfou, M.; M. L. Schmidt, S. Halbwachs. 1993. Memória Coletiva e Experiência. *Revista de Psicologia da USP*. São Paulo: EDUSP, nº 4, p.285- 298.
- Martin, G. 1984. O estilo “Seridó” na arte rupestre do Rio Grande do Norte. *Arquivos do Museu de História Natural*. UFMG, v.6-7, pp.379-382. Belo Horizonte.
- Martin, G. 2008. *A Pré-História do Nordeste*. Editora UFPE. Recife.
- Monzon, Susana. 1978. Pinturas e Gravuras de São Raimundo Nonato, estado do Piauí. *Missão Franco-brasileira*. Museu paulista. São Paulo.
- 1984 Métodos de análise dos grafismos de ação. *Arquivos do Museu de História Natural*. UFMG, v.6-7, pp.353-365. Belo Horizonte.
- Morales Junior, R. 2002. *The Nordeste Tradition: Innovation and continuity in Brazilian Rock Art*. p.501 Tese (Doutorado em Filosofia). Virginia Commonwealth University,.
- Ogel-Ross, L. 1985. A noção de Subtradição aplicada um sítio de arte rupestre pré-histórica. pp.147-186. *Caderno de Pesquisa 4: série antropológica III*. Universidade Federal do Piauí. Teresina.
- Pereira Junior, J.A. 1967. *Introdução ao estudo da arqueologia brasileira*. EDUSP. São Paulo.

- Pereira, E. 2012. *A arte rupestre de Monte Alegre Pará, Amazônia, Brasil*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- Pereira, E. 2008. *Arte Rupestre na Amazônia*. Museu Paraense Emilio Goeldi. UNESP. São Paulo.
- Pessis, A. M. 1993. Os Registros Rupestres: Perfil e grupo social. pp.7-14. Revista *Clio Arqueológica*. Vol.1, Nº 9, Recife.
- 1999. Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara. En: TENÓRIO, Maria Cristina (org). *Pré-história da terra Brasilis*. Editora UFRJ: p.61-74.
- 2003. *Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; Images form the pre-history*. FUMDHAM/ PETROBRÁS. São Raimundo.
- Pinto, E. 1935. *Os indígenas do Nordeste*. Companhia Editora Nacional. São Paulo.
- Pollak, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 5, Nº 10, p. 200-212, 1992.
- Prous, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Editora Universidade de Brasília. Brasília.
- 2007 a. *Arte Pré-Histórica do Brasil*. Arte. Belo Horizonte.
- Reis, J.A. 2010. "Não pensa muito que dói": um palimpsesto sobre teoria na arqueologia. EDIPUCRS. Porto Alegre.
- Rooselvelt, A. 1999. O Povoamento das Américas: o Panorama Brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). *Pré-história da terra Brasilis*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ,,: pp.35-50.
- Schmitz, P.I. 1981. La evolución de la cultura em el centro y nordeste de Brasil entre 14.000 y 4.000 años antes del presente. *Contribuciones a la Prehistoria de Brasil*. Pesquisas: Antropologia, nº 32, p.7-41,
- Schüller, R. 1915. A Nova Gazeta da Terra do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XXXIII, Rio de Janeiro.
- Shanks, M. y C. Tilley. 1988. *Social Theory and Archaeology*. University of New Mexico Press. Albuquerque.
- Silva, D.C. *Similaridades e diferenças nas pinturas pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara. 2008*. 321 f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Silva, J.M.C. Introdução. In: Silva, J.M.C, M. Tabarelli; M.T. da Fonseca y L.V Lins, 2008 . (org). *Biodiversidade da cantiga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Ministério do Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco. Brasília.

**Recibido:** 16 de junio de 2015.

**Aceptado:** 20 de julio de 2015.